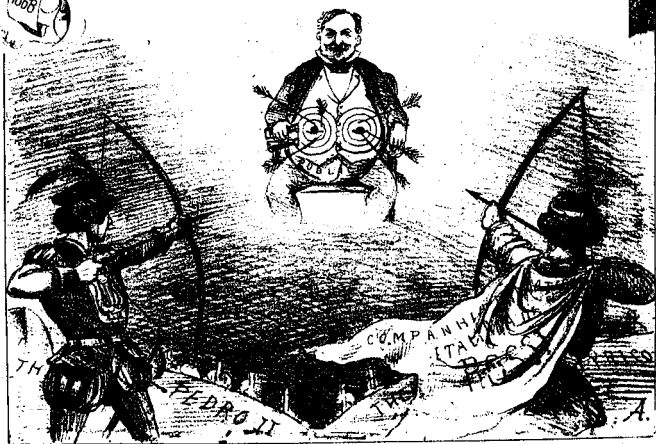
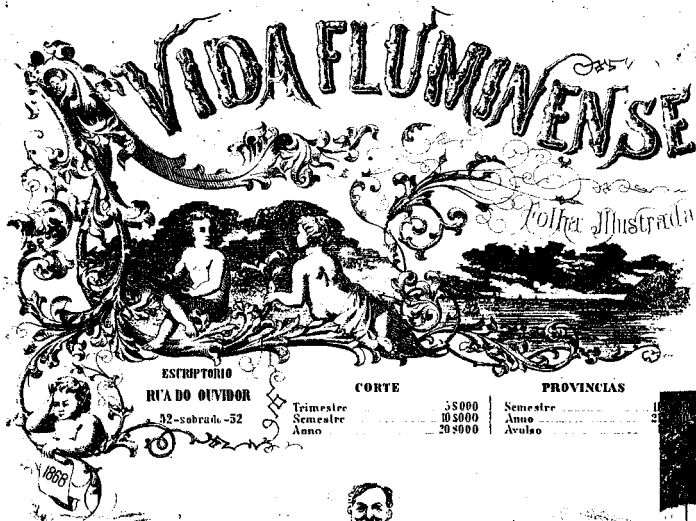




*Perigos a que, em breve, vai ficar exposto
o p'blico fluminense.*

A VIDA FLUMINENSE

RIO, 25 DE MARÇO DE 1871.

Os allemães entraram em Paris.

A ultima scena da tragedia foi, pois, uma terrivel humilhação para os fillos de Carlos Magno.

A vaidade do Imperador Guilherme não podia contentar-se com as esplendidas victorias alcançadas.

Não lhe bastava a seara de tantos louros.

Não lhes bastavam os rios de sangue e de lagrimas com que inundou a França.

Não lhes bastavam os montes de cadaveres.

Era ainda pouco a annexação de um vasto territorio e a avultadissima imposição de guerra.

Era nada ver a nação mais prestigiosa do globo, prostrada, semianime, confessando-se incapaz de proseguir na lucta.

Sua vaidade exigia ainda muito mais.

Exigia que o vencedor não abandonasse a arena sem cuspir o insulto nas faces do vencido.

Exigia que as hordas que fuzilaram mulheres e crianças, e que bombardearam hospitaes e casas de maternidade, passeiassem triumphantes nas desertas ruas da formosa Lutecia.

Mas... quem com o ferro fere, com o ferro ha de ser ferido.

Foi o sabio dos sabios quem o disse.

E' questão de tempo.

Chegaram, felizmente, na corrente semana dous grandes vultos portuguezes.

Um vulto artistico, outro litterario.

Emilia Adelaide e Ernesto Biester.

A primeira estreia-se na scena do theatro de S. Luiz, no drama de Pinheiro Chagas, *A Morgadilha de Val-Flor*.

O segundo, esse não se sabe ainda quando se estreia.

Quem não ha de estar muito contente é o Sr. Garrido, que tinha ainda alguns Telemacos a exhibir e não sei quantas pennas de ouro a receber.

Mas, ou Furtado Coelho já não é quem dantes era, ou o nome de Biester ha de eclipsar o de Garrido nos annuncios do S. Luiz.

São favaas contadas.

O Sr. Valle, empozario do Gymnasio, tambem mandou vir um reforço de Portugal.

Mas, por causa das duvidas, começa já a annunciar em lettras garrafas o *Panorama do Porto e de parte da Villa Nova de Gaia*, que se desenrolará breve aos olhos saudosos... dos que já viram essas paragens.

Chama-se isto:—arte.... scenographica.

Agora que todos cuidam desveladamente na instrucção publica, não podia ficar a Illustrissima Camara Municipal muda e quèda, sem participar em tão civilisadora cruzada.

E não ficou nem muda, nem quèda, por quanto mandou já confeccionar uma geographia—popular—fluminense, para servir de compendio nas escolas da capital do imperio.

Nelle colligimos algumas definições, que nos apressamos em transcrever aqui, para que todos os leitores façam desde já idéa exacta da importancia do serviço, que vai a Illustrissima Camara prestar á mocidade estudiosa:

Lagôa:—Porção de agua, cercada de terra, que por não ter escoamento se torna putrida em breve tempo. E' sempre fôco de miasmas *deleterios*; por exemplo: a lagôa do Lagarto na rua do Conde d'Eu.

Cordilheira:—Serie interrupta de monticulos, cobertos de vegetação, de canellas de bois e de cestos velhos, por exemplo: a cordilheira em frente da ponte Fleiuss.

Illa:—Um solido rodendo de agua por todos os lados, por exemplo: um burro morto no canal do mangue, em frente ao gazometro, ou por ali algures.

Sabara:—Planicie sem vegetação alguma, formada de areia que se levanta ao sôpro do Simouu, por exemplo: o largo do Paço.

Oasis:—Uma sombrasilha no meio do deserto, por exemplo: a guarita do paço da cidade.

Volcão:—Orificio por onde sahe fumo negro e pestilento; as proximidades dos volcões são sempre inhabitaveis, por exemplo: as chaminés das fabricas de velas no centro da cidade.

Sentimos não ter espaço para continuar nas transcripções.

O *Apos-tolo* :— de 11 do corrente, publicou a seguinte relação dos alumnos brasileiros, que no collegio Pio-Latino-Americano obtiveram grãos, premio e notas de louvor na distribuição de premios da Universidade Gregoriana, em 2 de Setembro do anno passado:

Rhetorica

Em prosa latina, segundo premio, Agapito Jorge dos Santos (do Ceará MAS NASCIBO EM PERNAMBUCO).

Em poesia latina, primeiro premio, o mesmo:

Lingua grega, primeiro premio o mesmo:

Prosa italiana accessit, o mesmo.

Piedade, modestia (!) e diligencia digno de especial louvor, o mesmo.

No exame annuo, prestantissimo, o mesmo.

(1ª observação (de alguém): *solus totus et unus*)

(2ª observação (nossa): bemaventurado o pai de tal Agapito !)

O que desejamos muito que o *Apostolo* nos diga é: como se faz exame de *pietate*, de *modestia* e de *diligencia*.

Quando a curia romana não se lembrar de uma coisa, nem o proprio diabo se lembrará della.

A relação do *Apostolo* continúa, mas... sempre no mesmo tom.

AO REDACTOR DO "COURRIER DE RIO DE JANEIRO."

"Mon cher Redacteur.

"Vous qui tenez vos lecteurs au courant de tout ce qui se passe en France, veuillez leur dire que si Napoléon est tombé du trône, ce n'est pas parcequ'il le *croup* allemand l'a pris par la gorge; non !

Il n'est tombé, le pauvre homme, qu'à cause de ses *dents*. Une mauvaise dentition, quoi !

"Tout à vous."

A. DE C.

Addendum

O *Diario de Noticias* disse ha dias que uns religiosos de Pernambuco, reunindo-se para eleger um superior, resolveram que daquella data em diante se considerassem livres os ventres dos seus escravos.

Por conseguinte quando um escravo..... o *Diario de Noticias* que acabe a phrase.

A. DE C.

Assumppto de varias côres

O *Petit Poucet*.—Opinião sobre a musica e o poema.—O que eu penso sobre o modo porque Delmary, Hostler, Dubois e Aimée dão conta do recado.—O *Atto de Notre-Vierge*.—A vida do Sr. Hincsar espalhando viração agradável pelo jardim da Phénix.—O lugar que obtive na primeira noite, o o recibo da flor esmagada nas seguintes.—Boni.—Elencho da companhia dramatica italiana.—O sarau do Club Gymnastico Portuguez.—Ernesto Bister.

O *Petit Poucet* é uma historia da carózinha que as mãas cantam ás crianças, quando querem adormecel-as.

Não ha em França quem não a saiba de côr e salteada: mas, fóra daquella nação, nem por isso o conto é lá muito conhecido. Parece que as crianças dos outros paizes preferem um brinquedo de gosto a todas as historias deste mundo.

Não sei se isto é assim; mas o que não soffre duvida é que, aproveitando o enredo do *Petit Poucet*, ao qual adicionaram grande cópia de excentricidades burlescas e extravagantes, os Srs. Letterier e Waloo escreveram um libretto em quatro actos, de cuja musica se encarregou mais tarde o Sr. Laurent de Rillé.

O poema não pôde, por certo, ser contado no numero desses que de um momento para o outro fazem a fortuna de um empresario, não. Contudo a partir do 2º acto ha situações de uma extravagancia descommunal, e originalidades que provocam francamente o riso.

Os preparativos para a cêa de *Croquemachecru*, e a fuga de *Aglaié* e *Rastaboul*, que a todos os meios de locomoção preferem o *velocipe* por ser mais da moda estão nesse caso.

A musica de Rillé não tem os attractivos das *Offenbach* ou de *Hervey*. Da-se por isso logo á primeira audição. Nas peças concertantes nota-se mesmo certa falta de effeito no *ensemble*, que não justifica muito os conhecimentos profissionais do author em relação ao *tratlado de harmonia*.

Outro tanto não direi dos *couplets* d'*Aglaié* no 2º acto, e do *romance* da "Estrella" no 3º, onde ha melodias de não equivocada belleza e de bastante originalidade.

Na distribuição, habilmente feita, ha quatro personagens sobre quem pesa quasi toda a responsabilidade artistica do *Petit Poucet*: *Aglaié*, *Croquemachecru*, *Rastaboul* e *Poucet*.

A personificação do typo de *Aglaié*, creatura presumida que, apesar de ser mãe de cinco filhas, ainda pensa em namorar rapazelles de tenra idade, coube a Mlle. Delmary.

Como cantora ou como actriz conserva-se a actual *diva* alcanzarina na altura do seu reconhecido talento. Os *couplets* da *seduction* no segundo acto são ditos com a graça requerida pela situação comica e o colorido exigido pelo suavissimo canto, que *Laurent de Rillé* poz nos labios da mulher desvaída pelo amor.

Croquemachecru, especie de *papão* encarregado de devorar quanta criança havia naquelles tempos, é uma das creações mais felizes do Sr. Rozier.

O caracter selvagem e arrebatado do abutre humano é traduzido com fina habilidade pelo actor que, conseguindo fazer de cada typo uma criação comple-

AVIDA FLUMINENSE



Montes da guerra.

A VIDA FLUMINENSE



Depois da guerra.

tamente diversa e sempre ao sabor das platéas, tem sabido conquistar as sympathias do nosso publico.

De *Rustan* encavregou-se Dubois, que, no segundo acto especialmente, sabe tirar optimo partido das scenas em que toma parte.

Mlle. Aimée, a quem foi distribuida a parte do protagonista, faz quanto é humanamente possível fazer-se para merecer.... *os bouquets a seco*, que os *habitues* da segunda galeria a cada passo lhe atiram.

No *mise en scene* não poupan a direcção esmero nem sollicitude.

Os accessorios são novos, e, devido ao pincez espartoso do pintor André, ha um salão gothico, onde os effeitos de luz foram habilmente calculados.

De effeitos de luz que, vistos a certa distancia, illudem perfeitamente, ha abundancia agora lá pela *Phénix*.

Pelo menos é tudo quanto posso asseverar em relação ao decantado *Anjo da meia noite*, peça de que o Sr. Heller lançou mão ha dias, e que justifica todas as noutes as esperanças fugueiras que o empresario nella depositou.

Quando fallo em effeitos de luz alludo á solerha tela do 2º acto, onde o clarão da luz reflectindo nas aguas do Igar espalha pela sala e pelo jardim certa vivação agradável, que nos faz esquecer o Rio de Janeiro para nos transportar suavemente a regiões menos abruçadoras.

E não me perguntem nada mais acerca do *Anjo da meia noite* porque:

Na primeira noute pude apenas conseguir um logar sobre uma das mezas do jardim; e nas subseqüentes não ousei entrar na sala com medo de ficar esmagado.

Portanto até agora, consegui ver o scenario, ficando em jejum rigoroso acerca de tudo quanto se faz e diz na scena.

Se as eulhetes diminuirem, um dia, de volume, fallarei prolongadamente do *actual successo* da *Phénix* e da sua respectiva interpretação.

Rossi bate-nos á porta.

Dizer ainda cousas bonitas acerca de um artista que o mundo proclamou o *primeiro de seu tempo*, parece-me cousa intempestiva e desnecessaria até.

O repertorio do grande tragico já corre impresso ahi pelas folhas diarias. Fallar dello?... não seria tambem novidade.

Mas, o que o leitor ignora é que a companhia dramatica do nosso heróe compõe-se de trinta e duas figuras cujos nomes transcrevo em seguida:

DIRECTOR,

ERNESTO ROSSI.

ACTRIZES,

CELESTINA DE PALADINI

Antonietta Zammarini Cottin.

Modesta Sartoris.
Erminia Belli-Blanes.

Emma della Seta,
Giulietta Serafini.

Adelaide Peruchetti.
Pia Beffa.

Eugenia Rossi,
Carolina Melzi.

Isabella Cavara (de 8 annos de idade).

ACTORES.

Raffaele Regatti.

Leopoldo Vestri.

Ercule Cavara.

Giacomo Brizzi.

Lodovico Mancini.

Achille Cottin.

Enrico Rossi.

Flavio Audó.

Verghino Vezzosi.

Carlo Peruchetti.

Eugenio Casilini.

Luigi Manzoni.

Ettore Panzoni.

Paolo Belli-Blanes.

Edoardo della Seta.

Cesare Canepa.

Carlo Monari.

Raffaele Beffa.

Giovani Batta Pizani

Carlo Melzi.

SECRETARIO.

Brizzi.

AGENTE.

Lonrenzo Perrini.

Antes de terminar:

O Club Gymnastico Portuguez dá esta noite o seu primeiro sarrá artistico.

O programma promete muito, e apresenta uma variedade de como não ha exemplo entre nós.

Acha-se no Rio de Janeiro o Sr. Ernesto Biester, dramaturgo muito festejado nos theatros de Lisboa e Porto.

A. DE A.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O BUSTO

ROMANCE DE FREDERICK ABOUT.

CAPÍTULO II.

(Continuação.)

Victorina calouse.

A Sra. Michael disse ao marquez: — Intimidade tanto a pequena com tuas perguntas, que a coladinha nem pôde falar. Deixa-me só com ella; para mim não tem ella segredo.

Não sei o que Victorina faz para enfiar sua tia. O que é verdade é que, sem revelar-lhe o segredo do seu coração, conseguiu alistar a Sra. Michael nas fileiras de uma conspiração unida contra os Srs. Leffebure e de Marsal.

Ficou ajustado que o melhor plano era provar nos proprios pretendentes, que elles não jáviam senão o dote de Victorina. E conseguiu-se plenamente isso, fazendo-lhes supôr que nenhuma tia tem de olho um noivo, a quem pretende unir-se no mesmo dia em que os unir-se ao noivo.

— Raciocinemos, disse a Sra. Michael, uma carta anonyma é sempre empregada com successo em casos como este. Pensemos a principio que é uma Intriga, uma despeito ou uma graça do meu gosto; mas no fim de contas vai-se sempre acreditando no que ellas dizem.

— Creio tambem que sim.

— Quando estive para casar com o Sr. Michael, meu pai recebeu mais de vinte escriptas anonymas; um, entre outros, affirmava que meu noivo tinha-se casado com onze mulheres na Turquia.

— Com effeito! exclamou Victorina rindo a boia rir. Não obstante essa.

Podem?

— Meus dotes pretendentes hão de a principio duvidar do facto; porém depois, caçando a ovelha, começaram a lamentar sua loucura, minha tia, de quererem contrahir segundas nupcias na sua idade.

— Eu não deixaria do lembrar-se, no dia em que eu casar, gratas to logo para a interessante catalogia das moças sem dote. Ora o tal Leffebure, que é burguez até os ossos, é incapaz de casar-se com elle.

— Isso creio eu!

O Sr. de Marsal, esse sim não tinha tanta para o dinheiro... Porém... lembro-me agora... como fardemos com que o Leffebure acreditou que tenho um noivo em mente?... Como, se elle não se arvora um instante do noivo do não?

— Realmente, é um pouco difficil...

— Elle não sabe que poucas visitas temos recebido, e quão ellas são... e para casar e preciso um marido.

— Já isso o que não se põe em duvida...

— Acta-me, pois, algum... algum phantasma do marido!... Espera! disse a Sra. Michael a Victorina. Achei! Achei um meio ao finjar.

— Que?

— O escultorsulho.

— Quem? repelle Victorina, julgando ter ouvido mal.

— O Sr. Daniel.

— Oh, minha tia!

— Porque não? É um bonito rapaz...

— Sim, porém...

— Queiro eu intento...

— Concorro, porém...

— Ten um nome aliarado, mas que já é bastante conhecida. E a fama não será uma especie de nobreza?... O que mais me agrada nos artistas, é o não serem burguezes!

— Porém... lembro-se bem, minha tia.

— Que elle não tem um dote de son. Ora! Ora! Não serei ou bastante rica, rica por dois?

— Sim; certamente...

— Finalmente, este casamento seria muito mais vantajoso do que o da condessa do Paguy com seu intendente Thilandier, do que o da marquessa de Velle com aquelle engolelhosado do Breiz, chamado Henriot? E a Sra. Dangé e a Sra. de Lannac?

— Sim, minha tia, porém que papel terá nessa comedia o Sr. Daniel?

— Quem quizer fallar assim há de pensar que é uma desgraça para o noivo!

— Não digo tanto, mas talvez...

— Ora, qual! Serei de uma amabilidade com elle. Passearei com elle companhia pelo jardim. No jantar reservarei-lhe os melhores pratos...

— e darei ao Sr. Leffebure os melhores... O escultor não suspicará, e minhas atencões não serão intelligíveis senão para o advogado preventivo!

A Sra. Michael encorajouse do tranquillizar o marquez sobre o mysterio do amor de sua filha. Apresentou-se sob o aspecto de um mero curioso de imaginário, um desses "conhos" que os corações moços tem mesmo quando não dormem. A moça não corria o maior perigo.

A boa tia, que não renunçava ao seu projecto relativamente ao Sr. de Marsal, procurou angariar auxiliares. Fez vir de Paris a Sra. Lerambert, seu filho e sua filha, que tinham um milhão de dote. Contava sobre a Sra. Lerambert para fazer uma feliz diversão, attribuindo sobre ella a attenção do noivo.

Como reforço, expellia a Sra. Michael um telegramma chamando a Sra. Berthe, pessoa oranda de succulentos dotes intellectuaes, e irmã muito velha do Sr. de Marsal.

Indefinidamente a Sra. Berthe contou tanto a desapparecer do seu velho castello de Lunville, a despedir-se de seus vizinhos e de seus genos, que só pôde chegar ao castello do Sr. de Gueblian no dia 13 de julho.

Nessa occasião já o advogado arrastava a aza á filha da Sra. Lerambert e Daniel dava a ultima do não ao busto.

O artista não tinha reparado no afofocimento subito do Sr. Leffebure para com Victorina, nem a alegria desta e de sua tia, nem no desgosto do marquez, nem no triumpho do Sr. de Marsal.

Toda sua attenção estava presa no busto que esculpiu os seus mil e quinhentos francos que ia gaudir.

Nada o fazia distrahir dessas duns preoccupações, nem mesmo as olhaves e meias palavras de Victorina, que o artista não comprehendia.

Apertou a plia necessidade. Daniel tratallhou tanto que o emez dia do trabalho contemto o busto.

O que viram o escultor fallar com tanto empenho não podiam deixar de autuarem entre si estas phrases rapassadas de obsequio.

— Oh, como elle a ama? Estás vendo?

— Dizes que Phidias, quando fez a Venus do marfim e ouro, estava apaixonado pelo seu modelo. Por isso não admira!

— Quem diria que a primeira paixão da Sra. Michael seria correspondida por um moço tão bonito!

— Ella tem dinheiro! Se não fosse tão rica, elle nem olharia para ella!

— Já se o que se chama um casamento! Casar por amor e com dinheiro!

— De uma cajadada moutos dotes coellhos, porque Daniel está realmente entusiasmado por ella!

— Todos admiravam um paixão do artista, menos Victorina e o Sr. de Marsal, o qual tinha pois allure sua vinda de outro genero.

A propria Michael começou a receber o resultado do sua attimantia.

O advogado esse ria a boia rir desde Daniel dava uma vez rendido pela velha. O Sr. Leffebure, desde que soube que Victorina não rejeitaria dote, começou a achá-la muito menos formosa do que a filha da Sra. Lerambert. Por sua vez a familia Lerambert tinha na noiva conta a elegancia e a fortuna do Sr. Leffebure.

O marquez, escandalizado pelo comportamento do seu candidato, sentia-se penido, por um instinto secreto, para a Sr. de Marsal, o se arrependia mais do que nunca de ter posto em condura a mão de sua filha. Receando que uma tal aventura transpassasse no Fambourg Saint Germain, o velho fidalgo resolveu casar quanto antes Victorina, pelo que resolveu com agrado a pretensão do Sr. de Marsal, com quem teve lres conferencias reservadas. O Sr. de Marsal sem muito custo accollou a condicão de juntar ao seu nome o de Gueblian. Concluindo o ajuste, o qual se correu ao encontro de sua irmã, que acabava de chegar de Lunville, e contou-lhe tudo quanto se havia passado.

— Quando de agora, exclamou ella:

— Ah! Foi então por isso que a Sra. Michael mandou-me chamar a toda a pressa? Desde já abenco a projectada união!

— Já seguinte, dia de julho, era uma sexta-feira, dia debruamente de um agusto. A Sra. Marsal teve apenas tempo de saber por alto o que occorria no castello. Depois do almoço, chamando de par-se seu irmão, perguntou-lhe:

— Que fortuna pessoal tem a filha do marquez?

— Não sei; ou nada, ou não foi franco de renda.

— Já?

— Não, por morte de seu pai. Porém, porque me questiona assim? Tem sabes que é della a fortuna de sua tia.

— Da mulher do Sr. Daniel Fort?

— Não! Da Sra. Michael.

— Mes, calculada de rento! Devras não sabes?

— O que?

— Que a Sra. Michael casou com o escultorsulho? Só tu o ignoras. Foi por isso que o advogado pôz-se ao largo!

— Misericórdia! exclamou o Sr. de Marsal.

(Continúa.)



Dentro do Vaticano.

Em pleno exercicio de... santas ou fiadas as furoças? ou como!!!
se devora uma dotação mensal de Cem contos de reis...



Fora do Vaticano

"Uma usula para o febrilista Sida!"